

## **Design e cultivo: o que as redes sociais dizem sobre nossa relação com plantas de interior**

**Lia Paletta Benatti, André Carvalho Mol Silva, Sebastiana Luiza Bragança Lana**

### **Resumo**

O estudo apresenta uma pesquisa sobre o olhar do design para o cultivo de plantas nos ambientes domésticos dos espaços urbanos. Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama que permite entender o que leva pessoas a cultivar plantas em pequenos espaços e quais dispositivos são construídos para que seja possível a adaptação das rotinas urbanas e dos ambientes domésticos para a manutenção desta atividade. Neste trabalho utilizou-se as redes sociais para observar o que é exposto sobre este universo, possibilitando assim a criação de uma base teórica que permita ao processo do design interpretar e aprimorar o plantio nas residências das áreas urbanas. Como resultado traz a análise da observação dos comportamentos dos usuários das redes sociais frente as atividades de cultivo e sugestão de fatores a serem observados pelo designer para projetar para neste contexto.

### **Palavras-chave**

Design; cultivo; plantas; redes sociais.

### **Title**

*Design and cultivation: research in social networks human relation with plants in urban residences*

### **Abstract**

*The study presents a research on the way design acts facing plant cultivation in the domestic environments of urban spaces. This work aims to outline a perspective that allows to understand what leads ordinary people to grow plants in small spaces and what devices are built so that it is possible to adapt urban routines combined with the adaptation of these microenvironments for domestic plant cultivation. In this work, social networks were used to observe what is exposed about this universe, thus enabling the creation of a theoretical basis that allows the design process to interpret and promote this activity. The result brings the analysis of the observation of the social networks users behaviors regarding the cultivation activities and the suggestion of factors to be observed by the designer when working for this universe.*

### **Keywords**

*Design; cultivation; plants; social networks.*

## 1. Introdução

Este trabalho se propõe a tratar da necessidade do cultivo de plantas em nossa sociedade uma vez que desde que grupos humanos deixaram de ser nômades, a agricultura se tornou um fazer do homem que garante sua sobrevivência fixa em um território.

O ser humano sempre se ocupou das mudanças vegetacionais, pois todos somos dependentes das plantas para sobreviver. Não apenas para alimentação, o reino vegetal é usado também para magia, medicina e em ritos quem mantém a ordem social (ALBUQUERQUE, 2005).

A agricultura é uma importante indústria para a existência, no formato atual, do homem urbano mas, a relação com plantas ultrapassa a necessidade fisiológica de alimentação ou para a medicina. Muito se dedica ao cultivo doméstico de plantas e por motivos dos mais diversos, as pessoas mantêm relações próximas com o reino vegetal em suas residências. As casas das cidades são compostas de ambientes comuns para a manutenção de plantas: quintais, varandas, jardineiras das janelas. Incomum é a casa em que não se encontra um único vaso sequer.

Durante longo tempo no Brasil, o quintal esteve presente (e ainda está) na arquitetura das casas dos centros urbanos. Neste espaço se observa uma transição dos conhecimentos agrícolas, que em contexto urbano são reproduzidos em dimensões reduzidas (CARNIELLO, *et. al.*, 2010).

As atividades de cultivo são tratadas por diversas denominações: jardim vertical, para a plantação em espaços reduzidos; hortas urbanas, que fazem uso de espaços públicos e privados das cidades; cultivo *indoor*<sup>1</sup>, com foco no cultivo alimentício em espaços interiores; entre tantos outros termos e expressões que mostram a oportunidade de se explorar uma atividade que tem tomado cada vez mais espaço na vida das pessoas.

Neste artigo é trabalhada a expressão “cultivo doméstico”. O substantivo “cultivo<sup>2</sup>” designa todas as atividades que uma pessoa atua no desenvolvimento de uma planta, como: seleção, plantio, transplante, rega, poda, adubação, colheita, entre outras atividades de manutenção. Já o adjetivo “doméstico” traz para a pesquisa um contexto mais específico do que sua definição, pois o presente trabalho trata do cultivo de plantas que é feito dentro das residências das áreas urbanas, com foco nos espaços fechados, como os prédios de apartamentos. Apesar de ser um termo abrangente, não se refere aqui às casas de condomínios fechados ou de zonas rurais por exemplo, pois buscou-se

---

1 Termo da língua inglesa que significa “interior” ou “dentro de casa”.

2 Cultura de variedades de vegetais por meio de técnicas científicas desenvolvidas em laboratório; criação, produção., in Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa, <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultivo/> [consultado em 22-06-2020].

por estratégias de manutenção de uma atividade que é facilmente realizada em locais amplos e abertos, porém desafiadora em um contexto de limitação de recursos referentes a espaço, luminosidade, entre outros fatores existentes apenas nas moradias dos centros urbanos mais adensados.

O design já se dedica a projetar para este universo, seja no desenvolvimento de produtos para o cultivo, dos ambientes em que estão inseridas as plantas e até nas interfaces gráficas que se voltam para as embalagens, cartilhas, entre outros suportes que informam e direcionam as diferentes etapas da atividade. Observa-se que o cultivo tem importância no bem-estar dos indivíduos, afinal não é necessário cultivar nas cidades para garantia do alimento, mas, ainda assim, por mais que as pequenas residências dificultem essa atividade, ela perdura trazendo benefícios àqueles que a praticam.

Com este trabalho tem-se o objetivo de entender o complexo processo do cultivo doméstico de plantas utilizando o viés do design como instrumento de análise para uma orientação em projetos deste universo. Afinal, são muitas as particularidades do cultivo urbano, não apenas a criação de um produto que melhore o desenvolvimento de plantas, mas há diversas questões subjetivas que cercam esta atividade. Para tal, são exploradas bases teóricas do design para apresentar abordagens que permitam melhor criar, gerir e avaliar sistemas de cultivo.

## 2. Alimentação

A relação das pessoas com a alimentação vem mudando. Por um lado, grandes empresas oferecem alimentos de forma rápida e com preços baixos como redes de *fast-food*, comidas instantâneas, refeições congeladas, redes de entrega, entre outros. São opções práticas mas que por vezes podem perder em valor nutricional. Na contramão deste estilo de alimentação há pessoas que buscam alimentos mais nutritivos, saudáveis (com baixos teores de gordura e sódio) e frescos. Há uma valorização da produção local e dos alimentos orgânicos que não contém nenhum tipo de remédio ou agrotóxico, é possível dizer, que de certa forma, as pessoas estão reaprendendo a cozinhar e a entender os alimentos. Muggiri (2017, p. 182) reforça:

Desde que a erosão genética foi reconhecida internacionalmente como emergência global, as iniciativas em defesa da agrobiodiversidade e das variedades tradicionais se espalharam ao redor do mundo. Bancos de sementes, programas de proteção das variedades não convencionais, iniciativas em favor do desenvolvimento local, mapeamento e criação de base de dados das espécies fazem parte de uma estratégia adotada por uma grande variedade de atores [...].

Nas cidades o mercado apresenta à população uma série de facilidades de acesso ao alimento porém, também restringe a escolha, pois as opções são aquelas ofertadas pelo comércio. Para essas populações há uma dificuldade em se cultivar, onde poderia assim ampliar sua variedade nutricional, mas seja pelo espaço limitado ou pela baixa incidência de luz solar dado o adensamento das construções, nos alimentamos basicamente com aquilo que nos é ofertado pelas redes varejistas, e sujeitamo-nos às quantidades, preços, embalagens, qualidade, entre outros fatores comerciais. É claro que há a facilidade de acesso ao alimento, considerando-se que atualmente há uma democratização nutricional, mas também certa perversão quando o sistema comercial tem maior importância que a nutrição. A uva, que “segundo Souza (1996), as espécies ancestrais surgiram na atual Groenlândia, conforme comprovam os achados arqueológicos” (LEÃO, SILVA, BASSOI, 2009, p. 477), pode ser comprada em mercados e feiras em qualquer época do ano em um grande centro urbano, mas a mesma afirmação não vale para a acerola. Quando encontrada *in natura*, a fruta “nativa das Ilhas do Caribe, América Central e Norte da América do Sul” (Ritzinger, R; Ritzinger, C. H. S. P., 2011, p. 17) custa altos preços<sup>3</sup>. A consomem aqueles que a têm a plantada em seus quintais ou quem a recebe de vizinhos e parentes que a cultivam.

Muggiri (2017) explica que a perda da tradição gastronômica de uma localidade ocorre devido a três fatores:

- As variedades híbridas adequadas à monocultura intensiva têm substituído a maior parte das culturas tradicionais;
- Com o aumento do uso de alimentos industrializados, os vegetais característicos das regiões estão desaparecendo das mesas e dos campos;
- A falta de consciência sobre a conexão entre o patrimônio da cultura gastronômica e território, com a agrobiodiversidade, a integridade dos recursos, o desenvolvimento local, a saúde e a independência dos produtores e dos consumidores.

Os alimentos carregam consigo aspectos de seus territórios como as formas de plantar e produzir, assim, segundo Krucken, Mol e Luz (2017), o alimento e a gastronomia carregam aspectos emocionais de uma região de origem e uma cultura específica. Se uma das áreas de atuação do design é a valorização de territórios e culturas, usando fatores funcionais e visuais pode-se reforçar afetos, emoções e hábitos que podem ser aplicados em projetos que envolvam o cultivo.

Certamente, poucas pessoas têm a oportunidade de cultivar tudo o que consomem porém, há uma cultura, principalmente no Brasil, de cultivo de alimentos quando há

3 Em observação no supermercado Zona Sul (zonasul.com.br) no dia 25/09/2019, o preço de 500g de uvas variou entre R\$4,49 e R\$8,99 dependendo do tipo, enquanto 500g de acerola foi ofertada por R\$15,00.

espaço disponível. Pode-se ressaltar aqui o papel das plantas herbáceas, comumente utilizadas como tempero no preparo do alimento. E talvez nesta atividade tão comum possa estar a chave para preservar espécies nativas, além de melhorar a qualidade da alimentação.

### 3. Métodos

Neste trabalho foi realizado uma pesquisa de base etnobotânica, que “abrange estudos que tratam das relações estabelecidas por comunidades humanas com o componente vegetal” (CARNIELLO, *et. al.*, 2010, p. 452). O foco do estudo é o cultivo doméstico de plantas como forma de mapear aspectos do relacionamento humano/vegetal que ocorre nos ambientes domiciliares das cidades. Albuquerque (2005, p. 4) explica que “o entendimento atual ampliou a definição de etnobotânica estendendo o seu campo tanto para o estudo das populações tradicionais quanto das sociedades industriais, no relacionamento expresso na inter-relação populações humanas/ambiente botânico”.

Assim, a pesquisa se situa no ambiente urbano, em que a busca pela diferença não se define apenas pelo que é exótico, mas aqui se faz na compreensão de relações já não tão distantes, de alteridade próxima, como descreve Peirano (2006). A autora explica que desde os anos 1970, antropólogos no Brasil fazem pesquisa nas grandes cidades e a atração por este tipo de abordagem ora se dá por seus aspectos qualitativos, ora pelo desafio de compreender dimensões do ethos<sup>4</sup> nacional.

O estudo se enquadra por sua natureza como uma pesquisa aplicada, pois tem como função a geração de instrumentos para designers, arquitetos, paisagistas e entusiastas para a atuação em interface com as atividades de cultivo de plantas. Já por seu objetivo, se enquadra como uma pesquisa exploratória, por proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativa (GIL, 2008) sobre a interação homem x horta e as potencialidades de ação do designer como gestor das atividades de plantio. A abordagem é, principalmente, qualitativa por ter sua principal fonte de dados no processo etnográfico empregado.

O embasamento teórico que suporta esta pesquisa traz referências iniciais em antropologia e etnografia de Cardoso (1986), Cunha (2007), Eckert (2002), Peirano (2006) e Velho (1989). O foco em plantas fez necessário também referências em etnobotânica de Albuquerque (2005) e Carnielo *et al* (2010) e específicas de botânica de Leão, Silva e Bassoi (2009) e Ritzinger e Ritzinger (2011).

As referências em design que permeiam o espaço habitacional são de Hall (1977) e Pezzini *et al* (2019). A interface das relações sociais e o design foram pesquisadas em

---

4 Conjunto dos costumes e práticas característicos de um povo em determinada época ou região. “etos”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/etos> [consultado em 22-06-2020].

Del Gaudio (2017), e a atuação do design com gastronomia e alimentos foi respaldada por Krucken, Mol e Luz (2017), Mol (2017), Muggiri (2017) e Pinto (2017). Este último ponto mostra que o olhar do design tem se voltado para relações sociais cada vez mais complexas, incluindo aí a alimentação.

Observando o cultivo doméstico e urbano é possível fazer uma comparação dos hábitos de cultivo das plantas e a sua relação com o ambiente da residência e seus moradores. Uma prática oriunda do campo, comum àqueles que lançam mão dos quintais, é muitas vezes de difícil manejo em espaços reduzidos. O cultivo de plantas tem funções diversas, desde ornamentar o ambiente, como também para fins mágicos ou religiosos (como “afastar o mau-olhado” por exemplo), dentre tantas outras funções.

Este mapeamento se mostra como um novo conhecimento para a área do design por apresentar novas abordagens projetuais. Optou-se por trabalhar qualitativamente através do universo digital para entender o cultivo de plantas como se apresenta em sua melhor forma por aqueles que cultivam. Observando as redes sociais vê-se o que se gosta e o que se quer exibir, no que as pessoas sentem vaidade e orgulho. Não apenas os fatos do dia a dia, as redes permitem ver aquilo como o usuário quer que seja visto, sua ideologia de si mesmo. Sendo um espaço de convivência no mundo moderno e urbano, o meio digital também se torna um campo fértil, porém desafiador.

Foram realizadas buscas por *hashtag*<sup>5</sup> utilizados em postagens de perfis públicos dos sites Facebook<sup>6</sup> e Instagram<sup>7</sup>, contendo as expressões: plantas, horta, plantas de casa, plantas de apartamento, flor de cebolinha, flor de coentro, flor de orégano. Para se ter um panorama de uso dos termos selecionados a tabela 1 apresenta quantas vezes o termo foi mencionado na plataforma Instagram.

**Tabela 1. Quantificação dos termos apresentados pelo Instagram. Fonte: criação dos autores com base nos dados apresentados por instagram.com (2019).**

---

5 Palavra ou sequência de palavras unidas antecedida do sinal cerquilha (#), usada geralmente para identificar assuntos nas redes sociais. "hashtag", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/hashtag> [consultado em 22-06-2020].

6 [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

7 [www.instagram.com](http://www.instagram.com)

Termo	Instagram8
#plantas	3.055.645
#horta	411.859
#plantasdecasa	201.068
#plantasdeapartamento	2.870
#flordecebolinha	284
#flordecoentro	232
#flordeoregano	152

Há uma rede de socialização na internet para os amantes do cultivo de plantas, com grupos e comunidades específicos para discussões do tema. Para tentar encontrar ações mais espontâneas e subjetivas de um grupo heterogêneo buscou-se por perfis públicos de pessoas e não grupos ou empresas, fazendo avaliação de imagens e suas descrições. Com o objetivo de preservar a identidade dos autores das postagens (mesmo que em perfis públicos), não são apresentadas as imagens, apenas os comentários recortados e montados como figura. Esta opção foi feita, no lugar de uma transcrição, para que os *emoticons*<sup>9</sup> fossem mantidos, pois consideram-se importantes ferramentas de expressão das redes sociais.

A coleta de postagens tem uma dimensão arbitrária, mas o delineamento dos recortes tratados se deu por longas buscas sendo expostos aqui neste artigo os temas que mais se repetiram dentro de um contexto urbano. Assim, não foram consideradas postagens que visual ou textualmente mostraram referências de cultivo em espaços amplos como sítios, granjas, etc.

A pesquisa seguiu três etapas:

- Redes sociais: coleta de postagens através de *hashtags* sobre o cultivo doméstico;
- Descrição dos fatos: agrupamento dos dados mais relevantes para descrição;
- Interpretação: relação dos dados coletados e sua análise de através do olhar do design.

Na observação é possível entender os anseios das ações de cultivo e suas particularidades, "observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos,

8 Pesquisa feita em 30 de outubro de 2019.

9 Símbolo gráfico ou, sequência de caracteres que expressa uma emoção, uma atitude ou um estado de espírito, geralmente usado na comunicação eletrônica informal. "emoticon", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/emoticon> [consultado em 06-07-2020].

construindo cadeias de significação” (CARDOSO, 1986, p. 103). Mais do que o uso objetivo dessas redes para, por exemplo, procurar por mudas de plantas não convencionais, ou sugestões de como conter uma praga ou saber qual a planta surgiu em um jardim, procurou-se as cadeias de significação subjetivas daqueles que praticam o cultivo doméstico.

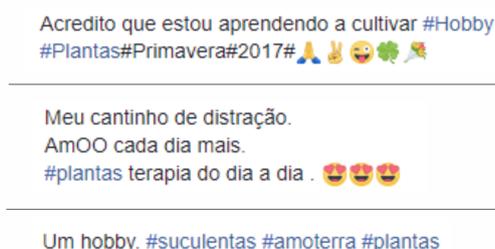
#### 4. As plantas nas redes sociais

Se a internet trouxe a possibilidade de comunicação entre todo o mundo, a rede social trouxe a possibilidade de falar de si para todo este mundo. Sem a necessidade de conhecimentos de programação, com as redes sociais é possível criar seu perfil, falar sobre o seu cotidiano e suas preferências, com pessoas conhecidas ou não.

As redes sociais são um grande emaranhado de informações que podem ser usadas para entender as pessoas e seus comportamentos. Mol (2017, p. 119) lembra que é “neste cenário de relações múltiplas e criativas, que os designers hoje podem exercer maior influência em seus contextos locais, com impacto mais significativo em sistemas diversos, relacionando cultura, economia e a sociedade na qual estão inseridos”.

O cultivo de plantas não é mais uma atividade intrínseca ao ser humano que garante a sua sobrevivência, se tornando opcional ao homem da cidade. Por isso a atividade do campo apresenta agora certa alteridade ao modo urbano de vida. As cidades são locais de desequilíbrios e inchamentos, por seu crescimento populacional em uma área restrita. Esse processo de crescimento acelerado e concentrado exhibe as aspirações por padrões de vida “materiais” e “não-materiais” que constituem o estilo de vida urbano (VELHO, 1989, p. 20). Assim, foram observadas postagens que apresentam o cultivo doméstico de plantas como um hobby, onde se aproveita o tempo livre para se dedicar a esta prática. Usa-se também a descrição de “terapia” ou “distração”, tendo a atividade de jardinagem como uma oportunidade para espairecer e aliviar as tensões do dia a dia (figura 1).

**Figura 1. Comentários que designam o cultivo como hobby. Fonte: criação dos autores com postagens de Facebook (2018).**



O contexto urbano insere o indivíduo em uma série de oportunidades que apenas a vida na cidade oferece: acesso a educação, opções variadas de lazer, contato com diferentes grupos sociais, entre outros, tornando a vida urbana uma experiência plural. Porém, o estilo de vida acelerado, que em curtos espaços de tempo um indivíduo exerce muitas atividades acabam se tornando pressões sociais que necessitam de momentos serenos (como o cuidado com plantas) como fator de balanceamento. Cita-se ainda as questões de segurança que tanto põe a temer os moradores dos centros urbanos:

As notícias restritas às características de criminalidade certamente não cobrem toda a complexidade da problemática da violência urbana no mundo contemporâneo, onde devemos considerar uma gama ampla de aspectos impactantes à qualidade de vida: problemas historicamente mais recentes ou mais antigos, como a poluição do ecossistema, o desemprego, a miséria, a corrupção, as disputas por poder doméstico e/ou público (ECKERT, 2002, p. 2).

Além das questões externas à residência, Pezzini *et. al.* (2018) lembram que a compactação dos espaços das casas é um desafio a habitabilidade e a satisfação residencial. “A habitação compacta impõe a sobreposição entre o espaço que os usuários ocupam para realizarem as suas atividades e o espaço que os componentes ambientais ocupam para serem usados” (PEZZINI *et al.*, 2018, p. 26). Segundo os autores essa sobreposição pode gerar condições inadequadas de descanso e repouso entre outros diversos fatores psicológicos e acidentais.

Nas relações proxêmicas dos indivíduos nos centros urbanos Hall (1977, p. 157) lembra que “a casa deve ser um antídoto para os estresses da cidade”, necessitando sempre de mais espaço e não menos. Porém a adaptação da arquitetura nos centros urbanos também deriva de uma situação complexa como citado por Eckert (2002) anteriormente. Hall ainda reforça: “a solução para o problema do espaço aberto e da necessidade humana de contato com a natureza é complicada pela crescente incidência de crime e violência, resultante de nossos esgotos urbanos” (HALL, 1977, p. 158).

Aqueles que se dedicam ao cultivo evidenciam seu gosto pelas plantas, sua necessidade em cultivar e em estar próximo a natureza. Se é feito o uso das redes sociais como um demonstrativo de gostos e preferências, se há o interesse por plantas, a exposição deste fato não deixaria de aparecer. Observou-se em fotos e suas descrições que há a apresentação explícita da relação de afeto, e a paixão é um sentimento por diversas descrito:

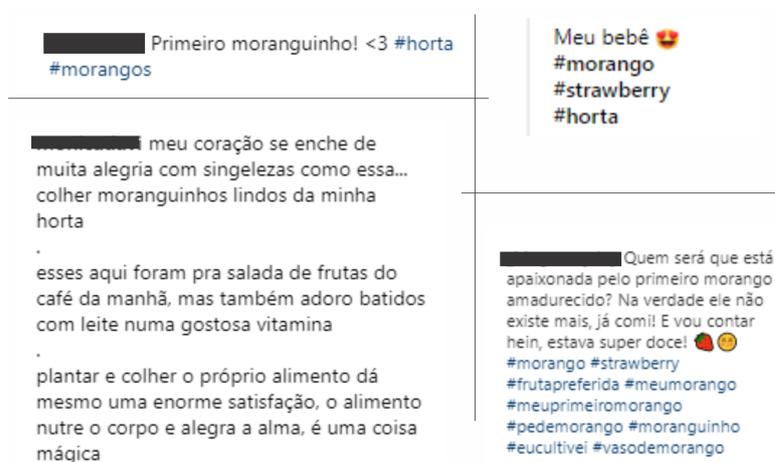
- “Me tornei uma pessoa #APAIXONADA por #Plantas”;
- “Não sei viver sem elas ! #plantas#verde#natureza”
- “Uma paixão... #orquideas #flores #plantas #meucanto #melembraela”
- “Mais uma de minhas paixões #plantas.....”.

A paixão pode ser entendida como referente à atividade de cultivo, pelo “plantar” e não aos indivíduos vegetais em si. As pessoas gostam de cuidar de plantas em suas casas mas não se comovem quando uma morre, ou quando é necessário descartá-la. O luto, mesmo se existente, não foi evidenciado. Afinal, pode-se adquirir outra com facilidade. Pode-se argumentar que por ser uma sensação ruim, o luto não seria compartilhado, mas em contraponto as postagens de luto pelos animais de estimação são recorrentes, o que não se viu em relação às plantas.

Se a paixão é sentimento vivo no cultivo, a demonstração desta paixão se mostra na celebração. O crescimento de uma semente que se transforma em broto orgulha aqueles que aguardaram pacientemente a nova planta, as flores que embelezam os ambientes, mas um fato muito celebrado é o aparecimento dos frutos (figura 2).

O cultivo de plantas é uma atividade contínua que envolve a aprendizagem em relação ao seu aperfeiçoamento, mas ao contrário do campesinato, em que o conhecimento sobre o cultivo é passado através das gerações, nas cidades há a ruptura deste conhecimento. Nem sempre aqueles que cultivam aprenderam a atividade com seus familiares, ou se aprenderam podem não conseguir transpor o conhecimento do campo para um contexto residencial.

**Figura 2. Celebração dos frutos. Fonte: criação dos autores com postagens de Instagram e Facebook (2020).**

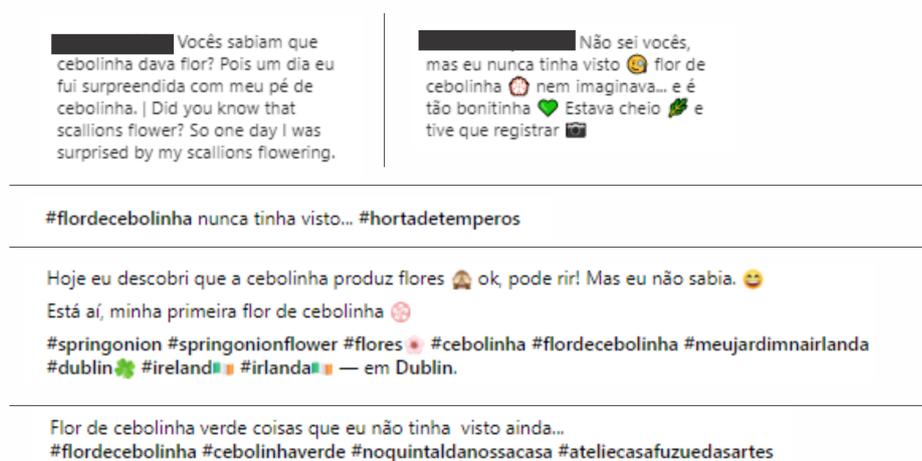


Há pessoas que iniciam a atividade de cultivo doméstico com as ervas e os temperos que utilizam como complementação da atividade culinária, espécies que já lhes são familiares. Porém, o fato de haver a familiaridade do objeto não indica que o mesmo ocorre com o processo de cultivo. Uma planta que sempre se observou em feiras e supermercados parece mais próxima, todavia, uma vez que é cultivada em casa, mostra

a oportunidade em se conhecer todo o seu ciclo. Observou-se postagens que demonstram a surpresa de pessoas ao descobrir, por exemplo, que ervas como a cebolinha, o orégano e o coentro dão flores (figura 3). É um fato celebrado, assim como o fruto, mas desta vez demonstrado como um evento inesperado, causando admiração daqueles que cultivam.

### Figura 3. Postagens que mostram surpresa dos usuários ao descobrir flores.

Fonte: criação dos autores com postagens de Facebook e Instagram (2020).



Do ponto de vista do design, se apresentam oportunidades em relação específica a este conhecimento, afinal há consciência de sua falta. Logo, o desafio seria conseguir instruir os entusiastas em cultivo, através suportes e interfaces diferenciados, de forma a se criar a curiosidade pela busca do tema. Ativar redes de relações sociais em que o conhecimento venha pela troca, pela conversa com semelhantes que dividam os mesmos interesses, parece também uma forma de promover o levantamento de informações sobre cultivo, afinal as redes sociais geram essa troca, mesmo que virtualmente. Pinto (2017, p. 387) fala que:

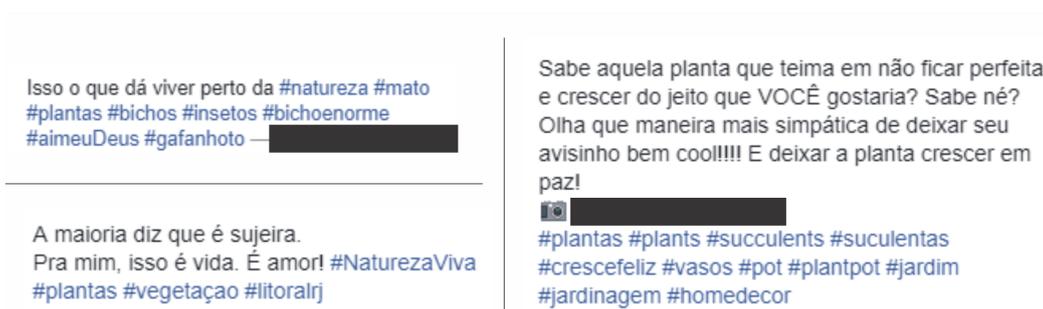
[...] o atual cenário de conectividade mundial e globalização que fez crescer não somente o sentimento do global, como também o do local. O movimento de nos voltarmos a outras culturas e nos aproximarmos delas, tornando-nos globais, aumentou ainda mais o sentimento de indeterminação humana, fazendo-nos buscar nossas raízes e o sentimento de pertencimento a que elas remetem.

Nas funções sociais, promover um relacionamento resultante do cultivo pode ser um aspecto facilitador. A internet pode ser uma ferramenta potencial, uma vez que já há, nas

redes sociais, diversos grupos que se dedicam a discutir o cultivo em pequenos espaços. Del Gaudio (2017, p. 65) explica que atualmente o designer se vê como um construtor de sentidos e ator crítico na sociedade. As ações tradicionais de desenvolvimento de produtos estão abrindo espaço para ações sociais que potencializam a noção de comunidade. “Estas estão na base da construção de um entendimento mais amplo das possibilidades de ação do designer no âmbito social”.

Outros fatos inesperados que surgem das ações do cultivar também tendem a ser vistos com bom humor e até serem celebrados. Isto quer dizer que imprevistos não causam a vontade de encerrar as atividades de cultivo. A criação de outro ser vivo implica que ele é autônomo em seu desenvolvimento e pode tomar ações inesperadas, ou o seu contexto, mesmo para um ser não movente. As plantas atraem insetos, crescem de forma diferente do esperado, soltam suas flores e folhas. E estes acontecimentos fortuitos são também motivos de postagens, usualmente bem-humoradas, como mostra a figura 4.

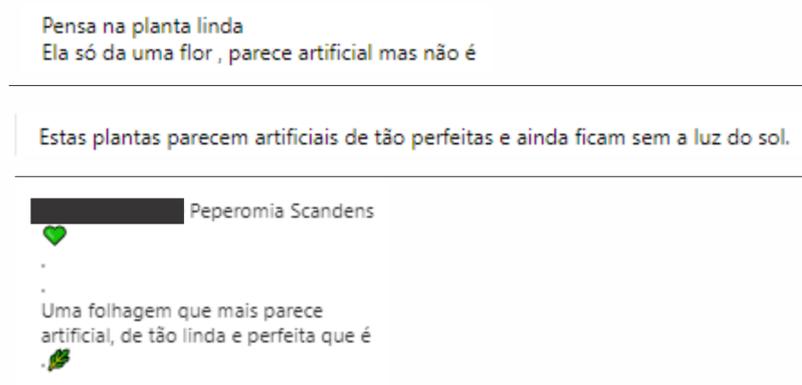
**Figura 4. Acontecimentos inesperados relacionado ao convívio com plantas.**



**Fonte: criação dos autores com postagens de Facebook (2018).**

A comparação entre plantas verdadeiras e artificiais são apresentadas em comentários. Com orgulho pessoas postam imagens de suas plantas atestando que “não são de plástico”, uma forma de mostrar que seu o exemplar adquiriu tal perfeição que poderia ser facilmente confundida (figura 5). Se as plantas artificiais podem ser tratadas com adjetivos como “brega” e “cafona”, ter uma planta natural que pareça exatamente com a artificial (sem o ser) por sua vez tem ares de beleza e requinte que traz ao ambiente.

**Figura 5. Plantas naturais que se parecem com artificial. Fonte: criação dos autores com postagens do Facebook (2020).**



Este tipo de distinção de valor entre planta natural e artificial mostra que esta é também uma área em que o capital cultural reforça o pensamento de uma classe dominante. Se atualmente as plantas naturais são mais visadas pelas classes abastadas, que podem arcar com as despesas de preços, manutenção e reposição, logo são estas que fazem parte de uma cultura dominante. “Convém ressaltar que os sistemas simbólicos dominantes ou legítimos numa dada configuração social são aqueles construídos e operados pelos grupos que conseguiram se colocar em posição dominante” (CUNHA, 2007, p. 505).

Uma planta artificial é usualmente uma imitação, feita em materiais alternativos de baixo custo (comumente tecido ou plástico). Por não necessitar de cuidados estará sempre vistosa, sendo então uma alternativa acessível às classes populares aproximando seus ambientes à estética dominante. Pezzini *et al.* (2018, p. 24) lembra que em relação à habitação, mesmo entendendo que “cada pessoa tem uma concepção sobre o espaço, sobretudo o espaço habitacional, e acima tudo, o espaço da habitação própria” o espaço possuído é uma medida de status, logo, entende-se que também aquilo que um amplo espaço pode possuir devido as suas dimensões avantajadas. Essa acepção também é análoga para as plantas que um espaço com maiores dimensões pode conter.

Os aspectos culturais determinam as relações estéticas das habitações, incluindo as plantas ali inseridas, pois “de alguma maneira, existe uma identificação mínima entre a imagem que o homem tem de si mesmo e o espaço que ele habita” (HALL, 1977, p. 158).

## 5. Conclusões

O cultivo de plantas nas residências urbanas está longe de ser algo somente objetivo, com um foco específico. Há sim a curiosidade por plantar algo que nunca se plantou, ver

uma semente brotar, manter viva aquela flor ou muda que se ganhou de presente, ou pela inocente perspectiva de independência em relação a compra de algum alimento.

Com base nos dados levantados pela pesquisa foram propostos cinco fatores (figura 6) que se mostraram relevantes e que podem ser idealizados na concepção de projetos de design que envolvam este universo.

**Figura 6. Fatores relevantes da atividade de cultivo para o projeto de design.**

**Fonte: os autores (2020).**



Estes fatores apresentam aspectos subjetivos que podem, e devem, ser trabalhados na significação de projetos para o cultivo das plantas. São eles:

- **Terapia:** a atividade de cultivo não é apresentada como obrigação mas como um passatempo que promove o bem-estar;
- **Celebração:** acontecimentos singelos proporcionam grande satisfação;
- **Surpresa:** o desenvolvimento das plantas traz quebras nas rotinas de forma agradável, oferecem recompensas inesperadas, mesmo que advindas do desconhecimento técnico;
- **Troca:** o compartilhamento das diferentes etapas de cultivo leva à troca de informações sobre o tema, gerando novos conhecimentos aos praticantes;
- **Afeto:** o contato associado aos cuidados a outro ser vivo explicita as relações de afeto tanto com as plantas como com os indivíduos associados a ele.

Caracterizada como atividade multidisciplinar, é imprescindível em diversos trabalhos em design utilizar bases da antropologia, como a etnografia, para compreender os hábitos que formam o cotidiano das pessoas em situações específicas de suas vidas.

O designer pode contribuir consideravelmente nessas estratégias. Assim, surge a possibilidade de pesquisa, experimentação e definição de metodologias integradas que reúnem diferentes áreas do conhecimento, tais como design, arquitetura, agronomia, gastronomia, ecologia, marketing, economia etc (MUGGIRI, 2017, p. 190).

Entendendo como os fenômenos culturais ocorrem, suas etapas e regras é possível ao designer convergir dados para o desenvolvimento de produtos, processos e serviços que melhor atendam, ou ainda, se encaixem na vida de públicos determinados.

### **Agradecimento**

Os autores agradecem a bolsa de qualificação PROQUALI/UFJF.

### **Referências**

- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Introdução à etnobotânica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- CARDOSO, Ruth C. L. *Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. In.: CARDOSO, Ruth C. L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARNIELLO, Maria Antônia et al. *Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica*. *Acta Amazônica*: vol. 40(3) 2010: 451 – 470. Disponível em: <<https://inpa.gov.br/fasciculos/40-3/PDF/v40n3a05.pdf>>. Acesso em: 24/01/2018.

- CUNHA, Maria Amália de Almeida. *O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*. Revista Perspectiva: v. 25, n. 2, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1820>>. Acesso em: 05/06/2018.
- DEL GAUDIO, Chiara. *Os desafios para o design no âmbito social e as perspectivas futuras: o conceito de infraestruturação e a redefinição do papel do designer*, p. 65 – 80. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; GAUDIO, Chiara Del. *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-20541>>. Acesso em: 25/07/2018.
- ECKERT, Cornelia. *Cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre*. In.: Revista Iluminuras, v. 3, n. 6 (2002). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9141/5251>>. Acesso em: 05/06/2018.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- KRUCKEN, Lia; MOL, André; LUZ, Daniela. *Introdução*. In.: KRUCKEN, L; MOL, A; LUZ, D. *Territórios criativos para a valorização da cultura gastronômica e artesanal*. Belo Horizonte: editora Atafona, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Carlo\\_Franzato/publication/321807287\\_Territorios\\_criativos\\_design\\_para\\_a\\_valorizacao\\_da\\_cultura\\_gastronomica\\_e\\_artesanal/inks/5a32bf77458515afb6f2ceb6/Territorios-criativos-design-para-a-valorizacao-da-cultura-gastronomica-e-artesanal.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carlo_Franzato/publication/321807287_Territorios_criativos_design_para_a_valorizacao_da_cultura_gastronomica_e_artesanal/inks/5a32bf77458515afb6f2ceb6/Territorios-criativos-design-para-a-valorizacao-da-cultura-gastronomica-e-artesanal.pdf)>. Acesso em: 01/09/2020.
- LEÃO, P. C. de S.; SILVA, D. J.; BASSOI, L. H. Uva. In: SANTOS-SEREJO, J. A. dos; DANTAS, J. L. L.; SAMPAIO, C. V.; COELHO, Y. da S. (Ed.). *Fruticultura tropical: espécies regionais e exóticas*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2009. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/semiario/busca-de-publicacoes/-/publicacao/657773/uva>>. Acesso em: 26/09/2019.
- MOL, André. *A importância do design para promover a economia criativa: possibilidades de atuação do designer na valorização de recursos locais*. In.: KRUCKEN, L; MOL, A; LUZ, D. *Territórios criativos para a valorização da cultura gastronômica e artesanal*. Belo Horizonte: editora Atafona, 2017. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/e29345\\_6e936458aeb64111a3a49475e240a234.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/e29345_6e936458aeb64111a3a49475e240a234.pdf)>. Acesso em: 03/08/2018.
- MUGGIRI, Martina. *Iniciativas de valorização da agrobiodiversidade e do território na perspectiva do design sistêmico: Brasil e Itália*. In.: KRUCKEN, L; MOL, A; LUZ, D. *Territórios criativos para a valorização da cultura gastronômica e artesanal*. Belo Horizonte: editora Atafona, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Carlo\\_Franzato/publication/321807287\\_Territorios\\_criativos\\_design\\_para\\_a\\_valorizacao\\_da\\_cultura\\_gastronomica\\_e\\_artesanal/inks/5a32bf77458515afb6f2ceb6/Territorios-criativos-design-para-a-valorizacao-da-cultura-gastronomica-e-artesanal.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carlo_Franzato/publication/321807287_Territorios_criativos_design_para_a_valorizacao_da_cultura_gastronomica_e_artesanal/inks/5a32bf77458515afb6f2ceb6/Territorios-criativos-design-para-a-valorizacao-da-cultura-gastronomica-e-artesanal.pdf)>. Acesso em: 10/10/2018.
- PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- PEZZINI, Marina; ELY, Vera Helena Moro Bins; SCHULENBURG, Roy Ristow Wippel. *Toolkit de design centrado no humano para o mini morar*. Design e Tecnologia, [S.l.], v. 8, n. 15, p. 23-50, jun. 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/det/index.php/det/article/view/409>>. Acesso em: 25/07/2018.
- PINTO, Laura de Souza Cota Carvalho Silva; *Design, alimento e negócio: o caso De-Lá, um empório em busca da valorização do território brasileiro*, p. 385 -402. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; GAUDIO, Chiara Del. *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392661/30.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

**Lia Paletta Benatti, André Carvalho Mol Silva, Sebastiana Luiza Bragança Lana**

Design e cultivo: o que as redes sociais dizem sobre nossa relação com plantas de interior

RITZINGER, Rogério; RITZINGER, Cecília Helena Silvino Prata. *Acerola*. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v.32, n.264, p.17-25, set./oul. 2011. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/54086/1/Acerola-RITZINGER-Rogério.pdf>>. Acesso em: 27/09/2019.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

### **Sobre os autores**

Lia Paletta Benatti: graduada em design de produto e mestre em design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutoranda em design também pela UEMG, com pesquisa que trabalha o design nas atividades de cultivo nos centros urbanos. Professora efetiva do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais/Brasil. Contato: [lia.paletta@design.ufjf.br](mailto:lia.paletta@design.ufjf.br)

André Carvalho Mol Silva: graduado em desenho industrial com habilitação em programação visual, pós-graduado em gestão do design nas micro e pequenas empresas e mestre em design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutorando em design também pela UEMG. Professor efetivo do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais/Brasil. Contato: [andre.mol@design.ufjf.br](mailto:andre.mol@design.ufjf.br)

Sebastiana Luiza Bragança Lana: Graduação em Geologia pela UFMG (1977), PhD em Engineering Materials – University of Sheffield (1997) e pós-doutorado em Química pela UFMG (1999). Membro permanente do PPGD-UEMG. Membro do colegiado fundador, e professora permanente da REDEMAT. Integra o grupo de pesquisas do CPqd e o DIT-Núcleo de Pesquisa em Design Inovação e Tecnologia, ambos da Universidade do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte/MG. Contato: [sebastiana.lana@gmail.com](mailto:sebastiana.lana@gmail.com)